

Iluminação de monumentos

Por Claudia Sá

Uma ferramenta capaz de reinventar as cidades

UM DOS PRINCIPAIS DESAFIOS DO SÉCULO 21, PARA OS urbanistas, é tornar as cidades mais humanas, mais aproveitáveis pelos seus habitantes e visitantes. É certo que, hoje, as ruas, praças e avenidas já não podem mais ser planejadas apenas para os pedestres, como se fazia antigamente, mas, muita gente no mundo inteiro já entende como erro ver o espaço urbano como ambiente exclusivo para os automóveis.

São poucos os que vão discordar que as urbes são para as pessoas, estejam elas dentro de carros, em motos, de bicicletas ou a pé. Só que tudo isso se imagina durante o dia, mas, e à noite, elas são para quem? E, considerando que a população trabalha, estuda e se diverte depois que o Sol se vai, por que a maioria das cidades ainda não é planejada para atender a esse público?

Trata-se de uma questão difícil de responder, mas pode-se arriscar que ainda falte conhecimento, por parte dos governantes, dos benefícios que a iluminação das ruas, dos edifícios e monumentos históricos e emblemáticos das cidades pode promover. Em localidades que recebem grande quantidade de turistas, então, ignorar as noites pode significar deixar de aproveitar boa parte do seu potencial.

É o que defende o gerente de vendas da Philips, Wellington Tardivo, lighting designer responsável pela área de assessoramento aos escritórios de projetos, “uma boa iluminação

pode trazer ‘vida’ a um ambiente jamais explorado, além de potencializar o turismo e prover segurança aos frequentadores dos espaços”, afirma.

Já o arquiteto, lighting designer e consultor em iluminação urbana José Canosa Miguez, que foi presidente do Rioluz (Companhia Municipal de Energia e Iluminação do Rio de Janeiro) nos 90, destaca como ponto mais importante a valorização da cidade pelos seus moradores. “O principal benefício talvez seja o de incrementar a autoestima dos cidadãos”, opina.

Ele também ressalta que “a iluminação de marcos urbanos estabelece novas perspectivas para os cenários, recriando ambiências e redefinindo hierarquias na paisagem”. E completa: “Ao contrário da luz do Sol, que a tudo ilumina igualmente, a iluminação artificial produz destaques pontuais, o que obriga a ordenar e estabelecer coerência ao definir um programa de iluminação de monumentos urbanos”.

City Beautification e L'Urbanisme Lumière

De uma maneira geral, a visão de Tardivo reflete o conceito norte-americano, denominado City Beautification, que aplica a iluminação, especialmente, como chamariz para o turismo, destacando, isoladamente, monumentos históricos e



Palácio da Alvorada – Brasília/DF
Projeto de Iluminação: Peter Gasper Associados



Catedral de Belém – Belém/PA
Projeto de Iluminação: Leda Tavares Salgado dos Santos



Ponte Benjamin Constant – Manaus/AM
Projeto de Iluminação: Peter Gasper Associados



Passarela sobre o Rio Corrente
Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe/BA
Projeto de Iluminação: Fabiano Xavier/ Atelier Lumière



Centro Histórico – Curitiba/PR
Projeto de Iluminação: Atelier Lumière



Museu de Arte Contemporânea – Niterói/RJ
Projeto de Iluminação: Peter Gasper



Estação da Luz – São Paulo/SP
Projeto de Iluminação: Franco e Fortes Lighting Design



Palácio da Justiça – São Paulo/SP
Projeto de Iluminação: Plínio Godoy/Luz Urbana



Ponte Otávio Frias de Oliveira – São Paulo/SP
Projeto de Iluminação: Plínio Godoy e Paulo Candura



“O embelezamento da cidade contempla uma importante função do conjunto complexo de sistemas de iluminações que a qualificam”

Isac Roizenblatt

“A iluminação de marcos urbanos estabelece novas perspectivas para os cenários, recriando ambiências e redefinindo hierarquias na paisagem”

José Canosa Miguez



“Destacar edifícios e monumentos da cidade com a iluminação, preserva o patrimônio histórico e fomenta o turismo, o comércio e o lazer”

Paulo Candura

“Algo que muitos se esquecem é que a luz é uma ferramenta usada para atingir um determinado objetivo conceitual”

Rafael Leão



emblemáticos. Dentro dessa concepção, ele já ajudou a projetar a iluminação de marcos arquitetônicos, como a ponte Octavio Frias de Oliveira, em São Paulo (SP), o Farol de Aracaju, em Aracaju (SE) e a Catedral de Belém (PA), entre outros.

Já Miguez pendente mais para o L'Urbanisme Lumière, o olhar francês da iluminação urbana, que tem como principal objetivo atender às necessidades e anseios dos cidadãos. Assim, o L'Urbanisme Lumière prevê o planejamento da iluminação das cidades como um todo, ressaltando sua morfologia, seus bens mais importantes, criando-se assim, uma nova paisagem para a cidade no período noturno.

Estes, que hoje são os dois principais modos de estruturação da iluminação pública no mundo, segundo o engenheiro, doutor em arquitetura urbanismo e consultor em iluminação Isac Roizenblatt, apesar de serem distintos não se confrontam. “O City Beautification, ou o embelezamento da cidade, é uma parte do L'Urbanisme Lumière”, afirma.

Segundo ele, “o urbanismo considera todas as oito funções da iluminação na cidade, quais sejam: a criação do ambiente, a valorização, a psicomotora, o balizamento, a promoção visual, a segurança, o espetáculo e o lazer. O embelezamento da cidade, assim, contempla uma importante função do conjunto complexo de sistemas de iluminações que a qualificam” avalia.

Diretrizes fundamentais

Recriar a ambientação de uma determinada época, revelar a força da história de um edifício ou de um elemento urbanístico ou, ao contrário, realçar a ousadia de um desenho arquitetônico contemporâneo... Seja qual for a finalidade do projeto, quando se trata de iluminação urbana, o que inclui fachadas e monumentos, algumas premissas são inerentes a todas.

A principal delas, para o arquiteto e lighting designer Rafael Leão, que teve como objeto de estudo de mestrado a iluminação dos marcos arquitetônicos do Centro de São Paulo, é seguir a proposta da arquitetura. “Algo que muitos se esquecem é que a luz é uma ferramenta usada para atingir um determinado objetivo conceitual”, afirma.

Para ele, “antes de inserir qualquer luminária numa fachada, o lighting designer deve estudar com sensibilidade sua arquitetura, a hierarquia existente entre os elementos de sua composição, sua identidade, sua forma e também sua relação com o entorno”, ensina.

Estudo de caso

Ao estudar a iluminação do Centro de São Paulo, que guarda verdadeiros tesouros arquitetônicos, Rafael conta que sua atmosfera poderia ser melhorada, estabelecendo uma relação entre iluminância, nível de contraste e temperatura de cor. Segundo ele, hoje “há demasiado contraste em algumas áreas, criando uma sensação sombria, e iluminância exagerada em outras, gerando ofuscamento”, afirma.

Para o lighting designer, “a falta de um equilíbrio entre estes critérios leva a um resultado que dificilmente promoveria o uso do espaço do Centro no período noturno”, constata. “Seria necessário ajustar este diálogo para depois destacar os elementos arquitetônicos mais importantes da paisagem, fortalecendo a hierarquia e promovendo uma imagem harmoniosa do local”, avalia.

Plano diretor de iluminação à vista

De acordo com o presidente do Departamento de Iluminação Pública do município de São Paulo (Ilume), o engenheiro Paulo Candura, a atmosfera “fúnebre” do Centro, criada pela luz de lâmpadas de vapor de sódio, está com os dias contados. “Estamos desenvolvendo um plano diretor de iluminação, que substituirá essa luz amarelada por luz branca, com alto índice de reprodução de cores”, afirma.

Candura informa que o projeto também deverá destacar edifícios e monumentos da cidade, com intuito de preservar o patrimônio histórico e fomentar o turismo, o comércio e o lazer em pontos pouco explorados. “Já começamos os estudos, estamos trabalhando com uma verba fornecida pelo BID [Banco Interamericano de Desenvolvimento], mas ainda não temos uma previsão de quando o trabalho será concluído”, afirma.

Tecnologias

Não basta somente embelezar; os equipamentos de iluminação devem também oferecer eficiência energética. Com tecnologias que prometem preencher estes dois quesitos, os LEDs de alto fluxo luminoso são as principais apostas das grandes fabricantes Philips e Osram para ilumina-

ção de fachadas e monumentos nos últimos tempos.

Wellington Tardivo, da Philips, aponta como mais apropriado para ambientes externos e fachadas, o modelo ColorBlast 12 Powercore, que, por possuir fecho preciso, é indicado para a criação dos efeitos wall washing e iluminação dinâmica. Já o Color Reach Powercore, com mais de 4.000 lúmens de saída e de 400 pés de projeção, traz cores e de efeitos dinâmicos a grandes edifícios, monumentos, pontes e torres.

Para iluminação com luz branca, Tardivo apresenta o eW Graze Powercore, que pode ser utilizado para o destaque pontual de elementos, delimitamento de paredes e placas luminosas. Como tem o formato fino, a peça pode ser inserida em diferentes nichos de edificações.

O gerente de vendas da Osram, Jean Carlos Bazeto, também destaca as lâmpadas de multivapores metálicos de tubo cerâmico, da linha Powerball HCI, que, segundo ele, “operando em conjunto com reatores eletrônicos, proporcionam excelente qualidade de luz, longa durabilidade e alta eficiência energética”, afirma.

A fabricante também informa que os modelos oferecem alto índice de reprodução de cores, especialmente o vermelho; estabilidade da tonalidade de cor ao longo da vida útil e distribuição uniforme da luz, entre outros.

Luz colorida

Muito utilizada na iluminação de fachadas, a luz colorida pode chamar a atenção, alegrar um cenário e embelezar um edifício ou monumento, no entanto, segundo especialistas, o recurso deve ser utilizado com parcimônia. De acordo com Tardivo, “o ideal é trabalhar com as cores onde elas são realmente necessárias, como, por exemplo, em pontes, torres e fachadas. Em monumentos históricos elas não são usuais”, orienta.

Para Bazeto, aqui no Brasil, o recurso deve ser aplicado “em pontos específicos”. Ele lembra que o uso da luz colorida está relacionado ao modo de vida e o gosto da população de cada cidade. “Existem culturas que preferem e valorizam o uso de cores, como no caso da Ásia, Hong Kong, por exemplo, enquanto, em outras, é mais limitado e aplicável para pequenos espaços, como na Europa”, argumenta. ◀